

A RELAÇÃO ENTRE A PSICANÁLISE, A ARTE E A ARQUITETURA NA PERSPECTIVA DO ENSINO DA BAUHAUS

Por *Isaac Tavares e Sousa*

2023

Sigmund Freud (1856-1939), criador da Psicanálise ao término da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) –, e mesmo durante, – se decepcionou com a civilização, pois, também, havia perdido filhos; inicialmente ele havia apoiado a aliança austro-alemã. Em suas palavras: “Nossa civilização foi desfigurada por uma gigantesca hipocrisia. Podemos dizer, novamente, que somos civilizados?”¹ Ainda, durante a guerra escreveu o ensaio “Luto e Melancolia” (1915) e, ao fim, “Mais-além do Princípio do Prazer” (1919-1920), em que sistematiza teoricamente e conceitualmente a Pulsão de Morte (Tânatos, no vocabulário psicanalítico). A Pulsão de Morte é, por assim dizer, contrária à Pulsão de Vida (Eros). Deste modo, Freud complementou a teoria psicanalítica com esta pulsão destrutiva, em que cada um de nós temos conosco, em nossa estrutura psíquica. A guerra fez-se em cenário confirmativo de forma ocular para Freud. Neste sentido, a desilusão com a vida, com o belo, com as artes, com a cultura foi generalizada. Freud era colecionador de artes, principalmente de esculturas clássicas greco-romana.

No entanto, tal desilusão se estendeu por toda a Europa pós-guerra, contagiou integralmente a produção artística, desde a literatura, música, passando pela escultura, pintura (todo o conglomerado das artes plásticas) até a arquitetura. Criou-se um sentimento generalizado em se romper com o espírito pictórico artístico do passado, principalmente do Clássico e Neoclássico. Houve assim, na formação das vanguardas artísticas, as revoluções no fazer artístico nas primeiras décadas do século XX. Nesta revolução os artistas passaram a ver o mundo a partir de sua própria perspectiva, de seu próprio sentimento, de seu próprio mundo interior, não mais pela percepção apenas sensorial, pelo real que era traduzido em tela, pelo que impressionava na natureza, pelo resplendor das

¹ Conf. FREUD, Sigmund. Introdução ao Narcisismo, Ensaios de Metapsicologia e Outros Textos (Considerações Atuais sobre a Guerra e a Morte) [1914-1915]. Obras completas. Vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

obras clássicas, advindas do Renascimento e tampouco do Neoclassicismo; nesta ocasião, o que seria válido era a própria leitura do mundo real pelo artista, sem a interferência do domínio “hipócrito” da percepção. Efeitos colaterais dos danos da guerra. A subjetividade ganha espaço, tornando a arte muito mais subversiva. Pois, o “belo” da civilização havia ruído com a guerra. Surge, assim, os movimentos *Expressionista* (a sensibilidade do artista, sua percepção subjetiva e o realce da cor), *Fauvista* (pintura mais “bárbara”, mais mediada por cores extremamente fortes), *Cubista* (se caracteriza por uma atitude mental mais geométrica, no qual a tela se torna o campo predominante da percepção, os temas são meros pretextos), *Dadaísta* (arte que representa uma ruptura com as convenções do passado, com os modelos sociais e culturais vigentes, um marcante sentimento niilista), a *Escola de Bauhaus* (representou todo um processo de recriação artística na Europa, com destaque para a arquitetura) e o *Surrealismo* (movimento que tem uma relação com o onírico, que vai além da percepção e das sensações, se contrapõe à realidade, beira os limites da irracionalidade; por isso, a melhor leitura do surrealismo, é a Psicanálise de Freud, com a sua teoria sobre o inconsciente e os sonhos) .

Entretanto, anteriormente, já se ouvia ecos de uma revolução cultural artística, pela influência do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), a partir de sua crítica ao eixo religioso judaico-cristão, numa proposta da independência do homem da condição divina; possivelmente, um novo homem “como medida de todas as coisas”. Neste sentido, a arte, apesar de movimentos distintos, mas próximos pelos ideais, elegem a razão, mesmo que esta tenha que advir, primariamente, da subjetividade; isto é, a subjetividade filtrada pela razão.

Portanto, neste contexto, de desilusão pós-primeira Guerra Mundial, surge a Escola de Bauhaus, em 1919, em Weimar na Alemanha, criada pelo arquiteto alemão Walter Gropius (1883-1969). Bauhaus teve mais duas sedes, além Weimar, em Dessau e Berlim que perdurou até 1933 – fechada pela ascensão do Nazismo. Com Gropius, um novo tempo se inicia para a arquitetura moderna. Evidentemente, ele se cercou de célebres artistas e arquitetos de seu tempo. Bauhaus foi um centro irradiante de novas ideias no campo da arquitetura e urbanismo, da estética industrial e da própria educação da diversidade da arte.

Gropius defendia uma arte com fins e utilidade social. Reuniu-se em Bauhaus (que significa casa construída) o ensino da pintura, da escultura, desenho industrial, cerâmica e arquitetura, entre outros.

Todo este conjunto da pedagogia da arte, tinha um objetivo de conciliar o ofício das artes aliada ao projeto e a técnica. Isso significava unir as artes e a indústria, para criar uma estética que refletisse o espírito da época, cujos traços se configuravam em desilusão e revolução nas artes; e, além disso, a Alemanha com a economia devastada buscava meios de habitações de baixo custo. Ademais, havia o objetivo de se alcançar a prática e orientar os alunos no domínio de múltiplos materiais, como: a madeira, o metal, a pedra, as tintas e o vidro. Existia assim, uma preocupação de dar aos estudantes uma formação plena. Isso significa que, Bauhaus se alinhava à produção industrial; isto é, tornar a produção numa escala que alcançasse a necessidade social, tanto no sentido de moradias mais sociais, com utensílios mais utilitários, mais livres de uma cultura neoclassicista. Tais objetos teriam uma característica muito mais geométrica; como exemplo, cadeiras e mesas mais retilíneas. Estas características se constataram, de igual modo, na arquitetura em forma de “caixa”; ou seja, elementos construtivos e volume arquitetônico mais repetitivos. Os edifícios de Gropius eram verdadeiras “caixas” de vidro. Portanto, estas características migraram da Alemanha para toda a Europa, Estados Unidos e outros países mais industrializados. Em outras palavras, tornou-se uma arquitetura “Internacional” no século XX. Um aspecto interessante é o fato que, embrionariamente a ideia socialista estava presente em Bauhaus, no plano de uma sociedade mais igualitária e mais justa. Entretanto, o fator industrial tornou-se preponderante na malha do capitalismo, invertendo os ideais originários. Deste modo, a Escola de Bauhaus se tornou no modernismo internacional na concepção arquitetônica do ocidente, como uma espécie de “clichê”, rompendo assim, todas as fronteiras. O “espírito” de Bauhaus perpassou, de igual modo, a arquitetura de interiores, bem como os elementos compositivos; ou seja, a diversidade de móveis e objetos úteis à coletividade.

O *estilo* Bauhaus tornou-se na moderna arquitetura internacional, com a retilinearidade – arranjo de linhas e retas planas –, basta olharmos as edificações do século XX (inclusive na reconstrução das cidades europeias

devastadas pelas duas grandes guerras) do nosso tempo. Brasília com seus pilotis, edifícios habitacionais horizontais e lineares, é um exemplo, pois, Oscar Niemayer e Lúcio Costa foram contagiados, de alguma forma pelos princípios de Bauhaus.

Um fato importante a ser notado, é a obra clássica referencial tão utilizada por arquitetos e engenheiros: “Neufert: A Arte de Projetar Arquitetura”, já em sua 18ª edição (em português). Em alemão já se encontra na 39ª edição. A presente obra de Ernst Neufert (1900-1986) é fruto da Escola de Bauhaus. Neufert trabalhou como chefe de escritório de Gropius em Dessau. Os seguimentos posteriores e atualização da obra, após a morte de Neufert, se deve aos filhos Nicole Delmes e Ingo. Por certo, o universo da arte, em especial a arquitetura, nunca mais foi o mesmo após Bauhaus. Possivelmente, o designer do abajur, da cadeira, da mesa ou ainda o projeto de sua casa tenha o “toque” de Bauhaus.

Evidencia-se que, a escola de Bauhaus, mesmo sem os seus protagonistas não tendo plena consciência, principiaram uma luta contra Tântatos, em favor de Eros, juntamente com o seguimento artístico da época. Freud, neste calamitoso período, ampliou e enriqueceu a teoria psicanalítica, na qual sinalizou que o caminho de Eros, seria a salvaguarda da banalização do caos e da morte. Porquanto, a leitura do pai da psicanálise, em similitude, ocorreu no espírito da produção artística; ou seja, a composição artística – em toda a sua dimensão –, alinha-se a Eros. Todavia, a ameaça de Tântatos permanece constantemente em nossa civilização; isso nos notifica que a história pode se repetir – e de modo mais catastrófico ainda. Por este motivo, vale à pena sempre uma avaliação de nossa subjetividade, de como sentimos o mundo em nossa privacidade perceptiva. Revisitar a história da civilização em paralelo à Teoria psicanalítica, poderá nos levar a reflexões pulsionais de vida.

BIBLIOGRAFIA

ESTÁCIO. Conteúdo Interativo: *Vanguardas Artísticas Europeias*. Disciplina: Artes, Arquitetura e Urbanismo: Idade Moderna. 2021.

FAZIO, Michael, MOFFETT, Marian e WODEHOSE, Lawrence. *A História da Arquitetura Mundial*. São Paulo: Editora Bookman, 2011.

FREUD, Sigmund. *Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos (Considerações Atuais sobre a Guerra e a Morte)* [1914-1915]. Obras completas. Vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HOPKINS, Owen. *Arquitetura: guia visual de estilos arquitetônicos ocidentais do período clássico até o século XXI*. São Paulo: Publifolha, 2017.

NEUFERT, Ernst. *Neufert: A Arte de Projetar Arquitetura*. 18ª edição. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

PROENÇA, Graça. *História da Arete*. São Paulo: Editora Ática, 2010.

STRICKLAND, Carol. *Arte Comentada: Da Pré-História ao Moderno*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.